

## A LITERATURA COMBATIVA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: NOTAS SOBRE SUA PRODUÇÃO FOLHETINESCA (1907-1925)

THE COMBATIVE LITERATURE OF JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: NOTES  
ON HER SERIALIZED WORKS (1907-1925)

Gabrielle Pacheco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste texto, busca-se apresentar parte da obra da escritora, ensaísta, cronista, contista e dramaturga Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), uma das mais notáveis escritoras de seu tempo, com especial foco em sua literatura dita combativa. Neste sentido, consideram-se textos os quais apresentam seus posicionamentos frente às demandas de sua época, especialmente àquelas relacionadas às mulheres, comumente protagonistas de sua literatura. Assim, elegem-se três folhetins assinados pela escritora ao longo do primeiro quartel do século 20 - “Eles e Elas”, “Correio da roça” e “Maternidade” -, publicados nos prestigiados *O Paiz* e *Jornal do Commercio*, obras que posteriormente foram publicadas sob diferentes formatos - contos, romance e conferência. De caráter histórico-documental, esta pesquisa fundamenta-se nos preceitos da História Cultural e estabelece diálogo com os estudos de Eleutério (2005), Martins e De Luca (2018) e Pinto (2023), para citar alguns. De igual modo, elege como principais referenciais metodológicos os pressupostos de Burke (2011), Chartier (2002) e Ferreira (2015). Ademais, acionam-se a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Biblioteca Brasileira José Mindlin e Guita (BBM-USP) como acervos para localização dos periódicos e das primeiras edições publicadas das obras em tela. Os resultados apontam que, com a análise das publicações seriadas, foi possível atribuir sentidos a partir das representações contidas nos textos, considerando as diferentes conjecturas, a trajetória da escritora, e a construção de sua própria bibliografia no espaço público.

**Palavras-chave:** Júlia Lopes de Almeida; folhetins; Primeira República

**ABSTRACT:** This text aims to present a fragment of the work of the writer, essayist, chronicler, short story writer, and playwright Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), one of the most notable writers of her time, with a special focus on her so-called combative literature. In this sense, we consider texts that present her positions towards the demands of her time, especially those related to women, who are commonly the protagonists of her literature. Thus, three serialized stories signed by the writer during the first quarter of the 20th century - *Eles e Elas*, *Correio da roça* and *Maternidade* - published in the prestigious *O Paiz* and *Jornal do Commercio*, texts that were later published in different formats - chronicles, novels, and lectures - are selected. From a historical-documentary nature, this research is based on the precepts of Cultural History and establishes a dialogue with the studies of Eleutério (2005), Martins and De Luca (2018),

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ). Professora Adjunta de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

and Pinto (2023), to name a few. Similarly, it adopts as its main methodological references the assumptions of Burke (2011), Chartier (2012), and Ferreira (2015). In addition, the Digital Newspaper Library of the National Library Foundation (FBN) and the José Mindlin and Guita Brasileira Library (BBM-USP) are used as collections for locating periodicals and first editions of the books in question. The results indicate that, through the analysis of serial publications, it was possible to attribute meanings based on the representations contained in the texts, considering the different conjectures, the writer's trajectory, and the construction of her own bibliography in the public sphere.

**Keywords:** Júlia Lopes de Almeida; feuilleton; First Republic.

## 1 Introdução

Neste texto, busca-se apresentar exemplos da literatura combativa de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora carioca de expressiva popularidade na imprensa e nos circuitos literários da Primeira República (1889-1930). Romancista, cronista, contista, conferencista e dramaturga, Júlia Lopes publicou mais de 30 volumes, tendo sido considerada por muitos de seus pares como uma das mais notáveis escritoras de seu tempo, ou por estudiosos de sua vida e obra como a maior romancista da República das Letras (Eleutério, 2005; Salomoni, 2000).

Dentre as obras que compõem sua vasta bibliografia, produzida ao longo de mais de 50 anos de atuação nas letras, recebe especial atenção neste texto sua obra folhetinesca, que, em sua maioria<sup>2</sup>, foi publicada sob formato de romance, gerando alguns de seus grandes sucessos<sup>3</sup> editoriais. Neste rol, foram selecionados três de seus folhetins, publicados entre 1907 e 1925. A predileção por tais folhetins recai em três aspectos principais: o fato de posteriormente terem sido publicados sob formatos diferentes - contos, romance e conferência; as temáticas principais diversas; e o período em que se inserem, cujas transformações políticas e sociais, em especial na capital federal, proporcionavam um cenário ideal para a disseminação de conceitos modernos de cultura, identidade e civilidade, (Sevcenko, 1999), as quais podem ser notadas nas narrativas.

A carreira de Júlia Lopes de Almeida na imprensa foi bastante significativa. Revela a historiografia que a escritora publicou em dezenas de periódicos, alguns internacionais, com colaborações diversas, apoiando-se na prosa, gênero discursivo de destaque em sua produção. Como bem salientam Sodré (1999) e Miceli (2015), os escritores da chamada República das Letras, eram reconhecidos, em condição *sine qua non*, por sua atuação jornalística. Isto é, para que fossem, em alguma medida, valorados por sua escrita, deveriam prestar contribuições à imprensa periódica.

Ao longo da publicação dos textos que compuseram “Eles e Elas” e “Correio da roça” na imprensa, Júlia Lopes já havia adquirido um *status* de notável romancista (Veríssimo, 1977) e uma carreira consolidada no jornal *O Paiz*, veículo de expressiva notoriedade e popularidade nos primeiros anos do século passado. É justamente em *O Paiz* que Júlia Lopes fixa uma coluna de primeira página, intitulada “Dois dedos de prosa”, a partir de 1908, cujo repertório compreende temas como “política, arte, literatura, questões urbanas e sociais” (Faedrich, 2024, p.13). Já na década de 1920, quando são publicadas as páginas de “Maternidade” no também

---

<sup>2</sup> Dentre os 10 romances publicados pela escritora, apenas dois se originaram das páginas dos jornais.

<sup>3</sup> A exemplo de *Memórias de Marta* (1888), *A família Medeiros* (1892) e *A falência* (1901).

popular *Jornal do Commercio*, engaja-se em causas sociais, com significativa participação em associações beneficentes, além de figurar entre as sócias da Legião da Mulher Brasileira, fundada em 1919 e posteriormente integrar a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF)<sup>4</sup>.

Neste sentido, refletir acerca da literatura combativa de Júlia Lopes de Almeida percorre também sua posição nos circuitos literários, na imprensa, na sociedade e no espaço público como um todo. Não custa lembrar que a posição por ela ocupada era incomum às mulheres de seu tempo: seja por conta de seu acesso a um significativo capital cultural, à luz do que sinaliza Bourdieu (2019), seja por seu casamento com um acadêmico<sup>5</sup> da Academia Brasileira de Letras (ABL). Tais condições lhe permitiram acessar lugares comuns apenas aos homens - os encontros que deram origem à fundação da ABL, as inaugurações sociais, os eventos políticos, entre outros.

De caráter histórico-documental, esta pesquisa busca diálogo com os estudos de Tinhorão (1994), Miceli (2015), Martins e De Luca (2018) e Pinto (2023), especialmente; e elege como aporte metodológico os preceitos da História Cultural, notadamente a partir dos pressupostos de Burke (2011), Chartier (2002) e Ferreira (2015). Ressalta-se ainda a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), bem como a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) da Universidade do Estado de São Paulo (USP), como arquivos onde é possível localizar as fontes primárias dos textos em tela neste estudo.

Isto posto, propõe-se a organização deste artigo em duas seções, que buscam, sinteticamente: analisar as obras em tela - *Eles e Elas* (1909), *Correio da roça* (1913) e *Maternidade* (1925), fazendo uma breve alusão às narrativas e buscando elencar os aspectos que envolvem sua publicação seriada e posterior publicação sob formato de livro; e, por fim, apresentar excertos da literatura combativa de Júlia Lopes encontrados nos folhetins, que compreendem, como advoga este texto, questões sociais, conceitos de família, casamento e educação, além de reivindicações femininas em voga nas primeiras décadas do século 20 - educação, trabalho e voto.

## 2 Das redações dos jornais às editoras: “Eles e Elas”, “Correio da roça” e “Maternidade”

### 1.1 Breve evocativo aos romances - folhetins: subgênero literário na imprensa periódica

Introduzidos de forma mais contundente na cultura brasileira em meados do século 19, os folhetins rapidamente se tornaram populares entre os leitores dos jornais. Não por acaso muitos dos intelectuais brasileiros se propuseram a publicar seus textos - romances, essencialmente - de forma parcelada, o que segundo Tinhorão (1994, p.11) tratava-se, em ampla medida, de uma escrita encomendada “para um público cujos interesses e expectativas deviam ser respeitados”, em razão do caráter nada imparcial da imprensa, já vulgarizada no Brasil naquele momento. No artigo “O romance-folhetim, o precursor do sensacionalismo”, publicado

---

<sup>4</sup> Dentre as pautas da Federação, que notadamente buscava o sufrágio feminino, figuravam campanhas para que visavam o “acesso das mulheres à educação e ao mercado de trabalho, direito à creche para mulheres que trabalhavam, assistência ao menor, [além de] campanhas pela paz” (Calixto; Gouvêa, 2020, p.241).

<sup>5</sup> Em referência à Filinto de Almeida (1857-1945), acadêmico fundador da ABL, poeta, escritor, redator e diretor de periódicos, além de ter sido deputado da Assembleia Legislativa do estado de São Paulo entre 1892 e 1897.

na edição 211 de *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, o jornalista Brito Broca<sup>6</sup> comenta o sucesso do gênero na França, país de origem, e sua aceitação por parte do público brasileiro:

A grande aceitação do romance-folhetim era devida, em grande parte, ao fato dos jornais serem então muito doutrinários, prevalecendo, em lugar de um noticiário leve e variado, pesados artighalacos. O romance-folhetim foi, talvez, o primeiro elemento de sensacionalismo introduzido na imprensa. [...] A voga do folhetim no século passado fez, porém, com que muitos escritores que não se encartavam no gênero, recorressem a esse veículo jornalístico para lançar seus romances. [...] Além disso, os autores de folhetins, escrevendo "au jour le jour" iam adaptando o desenvolvimento da intriga aos limites e às exigências do gênero. [...] O Brasil, não podia escapar à preamar do romance folhetim que, pode-se dizer, dominou quase todos os países do ocidente no século [XIX]. A produção original e traduzida do romance-folhetim multiplicou-se, conquistando os leitores<sup>7</sup>. (Edição 211, p.7)

Apesar das críticas existentes aos folhetins que foram, ao menos até a década de 1890 considerados “subgêneros”, como afirma o próprio Broca, há de se considerar a expressiva quantidade destes textos publicados entre 1830 e 1890 - aproximadamente 200 -, no Brasil, como explicita o quadro abaixo:

**Quadro 1** - Folhetins publicados na imprensa brasileira entre 1830 e 1890

Décad a	Quantidad e
1830	7
1840	21
1850	28
1860	24
1870	41
1880	51
1890	29

Fonte: Tinhorão (1994)

É a partir do final da década de 1880 que Júlia Lopes de Almeida, já com três obras editadas<sup>8</sup>, inicia sua contribuição folhetinesca, publicando “Memórias de Marta”, em 1888; “A família Medeiros” em 1891; “A viúva Simões”, em 1895, “O caso de Ruth”, em 1897; e “A casa verde”, em 1899 (Tinhorão, 1994; Almeida, 2013). Ademais, Broca (1975) salienta que, mesmo

<sup>6</sup> Brito Broca (1903-1961) foi um dos mais aclamados críticos literários e historiadores culturais do século XX, com especial foco nas primeiras décadas do século passado. Dentre as obras que escreveu, a mais premiada foi *A Vida literária no Brasil -1900*, publicada pela primeira vez em 1956.

<sup>7</sup> Neste texto opta-se por manter os trechos como no original, respeitadas as normas ortográficas da época em que foram escritos.

<sup>8</sup> *Contos Infantis* (1886), *Traços e Iluminações* (1887) e *Memórias de Marta* (1888).

diante de uma produção comparável a dos homens de Letras, Júlia Lopes de Almeida enfrentou barreiras de gênero<sup>9</sup> na imprensa:

Quando Júlia Lopes de Almeida entrou a escrever nos jornais, por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos contra as mulheres escritoras que tinham tido como pioneiras, no século passado [XIX], Corina Coaracy. O surto de literatura feminina que se verificou na França na última década do século havia de ter influído, no entanto, para o descrédito desse preconceito no ambiente brasileiro. Por outro lado, com o desenvolvimento da literatura nos jornais, as colaborações pagas, as escritoras também se julgavam com direito a retirar proventos econômicos do trabalho intelectual (Broca, 1975, p. 252).

Os romances-folhetins, assim reconhecidos por boa parte dos intelectuais, foram, contudo, gêneros possíveis para as mulheres escritoras como Júlia Lopes de Almeida, uma vez que retratavam histórias destinadas às mulheres, público majoritariamente consumidor do gênero. Na edição 9 de 1893 da *Gazeta de Notícias*, na coluna “Caixa de amortização”, publica-se nota em referência à escritora o sucesso de “A Família Medeiros”:

Entre nos, senhoras ilustradas e que se dedicam aos trabalhos litterarios, e uma excepção; ate um certo tempo levava-se o preconceito ate mesmo ao ponto de se fazer mau juizo das poucas que se dedicam as letras; hoje, porem, ja se convenceu o publico que uma senhora pode ser uma dedicada esposa, uma exemplar mai e senhora de boa sociedade e aproveitar as suas horas de descanso enriquecendo a litteratura nacional: a auctora de Familia Medeiros e um exemplo.

Ao longo do século passado, essas histórias parceladas, originalmente publicadas nos rodapés dos jornais, assumiram novo formato e constituíram as fotonovelas a partir da década de 1940; na sequência, com o advento da TV, na segunda metade do século passado, surgiram as novelas (Biblioteca Nacional, 2020). Não por acaso os telespectadores ainda são, em sua maioria, mulheres.

## 1.2. Notas sobre “Eles e Elas”, “Correio da roça” e “Maternidade”

Na 3<sup>a</sup> <sup>10</sup> edição de *Eles e Elas*, Moreira (2015, p.10) anuncia que o livro é composto pelas “37 crônicas<sup>11</sup> publicadas primeiramente no jornal *O Paiz*”, entre 1907 e 1909 e, posteriormente, na coluna assinada por Júlia Lopes, “Dois dedos de prosa”, anteriormente mencionada. Tais crônicas estão separadas em três segmentos nas páginas do jornal: “Reflexões

<sup>9</sup> Vale a ressalva de que, dentre os mais de 200 números de folhetins localizados entre 1830 e 1890, apenas 11 são assinados por mulheres, sendo o primeiro deles “D. Narcisa de Vilar. Legenda do tempo colonial”, de Ana Luísa de Azevedo Castro, utilizando o pseudônimo “Indígena do Ypiranga”, em 1858 (Tinhorão, 1994).

<sup>10</sup> De acordo com a pesquisa de Pinto (2023), a primeira edição foi publicada pela Francisco Alves em 1910; e a segunda no mesmo ano, devido ao sucesso editorial (Salomoni, 2014).

<sup>11</sup> Adota-se aqui neste trabalho a concepção dos textos como contos, apesar do trabalho de Moreira. Isto se deve ao fato de questionamentos da própria Júlia Lopes de Almeida em relação a esta classificação.

de uma esposa”, “Reflexões de um marido” e “Reflexões de uma viúva”, exemplificadas nas figuras abaixo, extraídas das primeiras páginas das edições 8130 (6/1/1907), 8614 (4/4/1908) e 8509 (20/1/1908) de *O Paiz*:

Figura 1

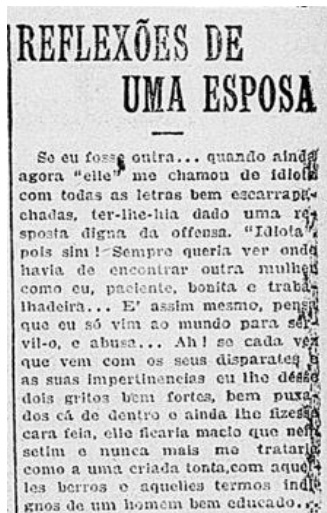


Figura 2

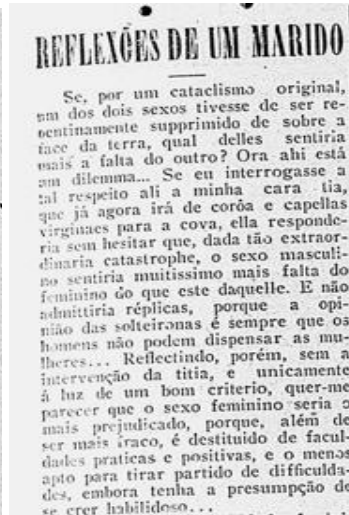
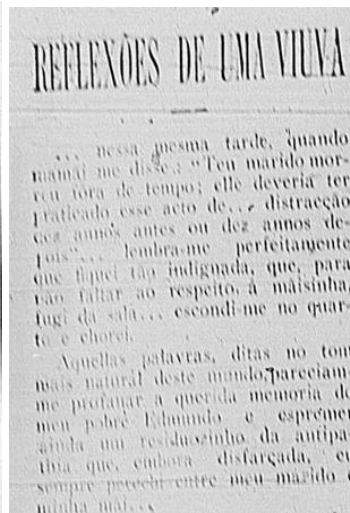


Figura 3



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

As histórias, anunciadas geralmente aos domingos e publicadas nas segundas, correspondiam a questões do âmbito doméstico, em que o casamento, a maternidade, a família, a fidelidade e as relações conjugais eram temas recorrentes, de forma a tecer um certo diálogo entre as publicações. Na figura 1, por exemplo, percebe-se a indignação da esposa com relação ao tratamento dado pelo marido, na contramão do ideal de docilidade e recato previstos para as mulheres: “Se eu fosse outra...quando elle ainda agora me chamou de idiota, com todas as letras bem escarrapachadas, ter-lhe-hia dado uma resposta digna de offensa” (Almeida, 1907, p.1).

Em outro trecho, desta vez em “Reflexões de um marido”, é a figura masculina que coloca em xeque as habilidades femininas quando o questionamento “Se, por um cataclismo original, um dos dois sexos tivesse de ser suprimido de sobre a face da terra, qual delles sentiria mais a falta do outro?” (Almeida, 1908a, p.1) é lançado. Em resposta, afirma: “o sexo feminino seria o mais prejudicado, porque, além de ser mais fraco, é destituído de faculdades praticas e positivas, e o menos apto para tirar partido de difficuldades, embora tenha a presumpção de se crer habilidoso ...” (Almeida, 1908a, p.1).

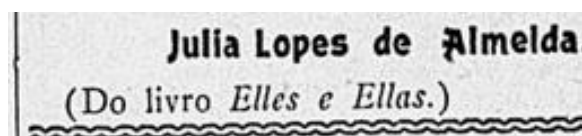
Já no terceiro excerto, “Reflexões de uma viúva”, é revelada uma relação pouco amistosa entre genro e sogra. Na morte de seu marido, a viúva se vê refletindo acerca das palavras ásperas da mãe: “Teu marido morreu fora de tempo; deveria ter praticado esse ato de distração...dez annos antes, ou dez annos depois” (Almeida, 1908b, p.1). Através destes exemplos, já é possível notar o que convencionou Moreira (2015, p.11) como características presentes na obra:

Os protagonistas de *Eles e Elas* são homens e mulheres casados, maridos e esposas que, entre sentimentos de frustração e a indignação por sentirem-se ameaçados na zona de conforto em que, estiveram até o surgimento da querela feminista oitocentista, constroem monólogos interiores nos quais refletem sobre a luta das mulheres brasileiras pelo reconhecimento de seus direitos

políticos e civis.

Interessante notar que os textos, embora tenham sido publicados pela primeira vez em 1910, sob o título *Eles e Elas*, já apareciam sob a assinatura de Júlia Lopes e com a inscrição “Do livro *Elles e Ellas*”, como evidencia a figura 4 abaixo:

Figura 4 – recorte da página 1 edição 8614 de O Paiz



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

Tal fato pode ser explicado pela relação que a escritora e sua família tinham com Francisco Alves, editor e proprietário de uma das mais populares livrarias e editoras do começo do século passado. Além de ter sido responsável pela 1ª edição de 10 dos livros assinados por Júlia Lopes, a editora continuou a reeditar a obra da escritora, mesmo depois da morte de seu editor, em 1917. A publicação do volume, em 1910, gerou um certo debate na imprensa a respeito da natureza dos textos: seria uma seleta de contos ou de crônicas? Na edição de abril de 1911 da *Revista Americana*, publicação destinada a “divulgar as diversas manifestações espirituais da America, [...] se apresenta[ndo] especialmente como um traço de união entre as figuras representativas da intelectualidade desta parte do mundo”, (*Revista Americana*, outubro de 1909, p.5), em artigo intitulado “O movimento literário brasileiro em 1910”, o acadêmico e crítico literário José Veríssimo expõe:

O que chamamos hoje na linguagem jornalística, e á francesa, de chronica, o nosso antigo folhetim, genero literario tornado corriqueiro com a vulgarização do jornalismo, deu-nos dous livros, e de duas senhoras, *Ao esvoaçar da idéa* de Carmen Dolores, e *Elles e Ellas* de D. Julia Lopes de Almeida. Embora do mesmo genero de literatura de jornal, e ambos de escriptoras, são de inspiração, forma e intuitos inteiramente diferentes. [...] Elles são os homens, Ellas são as mulheres, e o livro em que sob êste titulo reuniu D. Julia Lopes de Almeida as chronicas que num jornal consagrou a dizer de varios aspectos, feições, e maneiras e costumes delles e dellas é ao cabo uma obra de certa unidade, em que uma mulher de talento e coração expõe e discute, numa forma ligeira e encantadora pêla sua mesma despreocupação de literatura e de austeridade mil ninharias de que se compõe a vida dos dous sexos, pondo na discussão dêsses assumptos mundanos, sociaes, ou familiares a sua experiencia feminina e a sua intelligencia, que não tem sexo (*Revista Americana*, abril de 1911, p.13-14).

Em outubro daquele ano, a própria Júlia Lopes, em sua coluna “Dois dedos de prosa”, deixa clara sua indignação com a desclassificação de seu livro no concurso municipal de obras literárias promovidos pela ABL, sob a justificativa de que o livro “não pertenc[ia] a um genero de literatura de ficcao, mas, ao de chronicas de jornal”. Adiante, defende o caráter literário de sua obra, indo de encontro ao que postulou Veríssimo:

A minha surpresa foi enorme. Primeiro, porque estava informada de que, nesse concurso municipal, poderiam entrar obras de qualquer genero literario, com excepção das de teatro, pela razão muito plausível de terem estas o seu concurso especial; depois, porque o meu livro não é um livro de crônicas. Para comprovar esta negativa, posso afirmar que, embora publicadas as suas paginas destacadamente nas columnas de um jornal como o Pais, levaram sempre como cabeçalho o titulo de Reflexões de uma esposa ou de Reflexões de um marido, tendo, embaixo, junto á assignatura da autora, a declaração: "Do livro Elles e ellas". [...] Todos estes trechos foram capitulos escriptos propositadamente para uma obra de estudo leve e ironico sobre estados de alma e pequenos vícios sociaes, e não trechos esparsos aproveitados depois para uma collecção. A razão de não terem os seus capitulos ligação de assumpto, entre si, não lhe altera a indole nem desfaz a harmonia do conjunto (Almeida, 1911, p.1).

Apesar de não ser um de seus volumes mais celebrados pela crítica e pela historiografia, é possível dizer que as publicações que geraram *Eles e Elas* possuíam um caráter diferente das demais obras publicadas até aquele momento, uma vez que se insinuavam em diálogos que, em alguma medida, mostravam de forma irônica o cotidiano – e talvez tenha sido esse a causa do embate – de casais e o universo que os cercava. Mas *Eles e Elas* não foi a única novidade no até então estilo literário de Júlia Lopes de Almeida. Essa singularidade também pode ser observada em “Correio da roça”, compreendido pela historiografia como um romance epistolar<sup>12</sup>.

Ao lado de “A árvore (1916) e “Jardim Florido (1917), “Correio da roça” integra o que os estudiosos de Júlia Lopes consideram como seu “apostolado rural”, em referência ao que afirma Margarida Lopes de Almeida, primogênita da escritora, em ensaio biográfico a respeito da mãe (Almeida, 2013). De maneira geral, as narrativas propostas nos livros têm como cenário a natureza e a mulher como agente, e, em ampla medida, compreendem esse cenário como um espaço para o desenvolvimento de atividades ligadas ao campo.

“Correio da roça” foi publicado semanalmente<sup>13</sup>, entre 1909 e 1911, geralmente às terças-feiras, na primeira página. Interessante notar que a publicação inicia com o texto “O perigo das cartas”, em que narra a história de um leitor, o “correspondente”, que supostamente lhe sugere escrever uma comédia, que a escritora diz “não aceitar por falta de geito para o gênero” (Almeida, 1909, p.1). Compreende-se tal estratégia como uma espécie de prólogo, ou uma tentativa de preparar o leitor para a narrativa que seguirá na próxima semana, com o título de “Correio da roça”, como mostra a figura 4 a seguir:

Figura 5 – recorte da página 1 da edição 9111 de O Paiz

<sup>12</sup> A este respeito, considera-se o estudo de Gomes (2004, p.24), o qual indica que a troca de correspondências pode ser vista como um “espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos”.

<sup>13</sup> Embora muitas das publicações tenham acontecido, de fato, toda terça-feira, algumas apresentam um maior espaço de tempo, como aquele entre a edição de 12/10/1909, a terceira do folhetim, e a de 2/11/1909, a quarta.



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

A troca de cartas é um dos elementos principais da narrativa. Cartas trocadas entre duas amigas, Maria e Fernanda, sendo a primeira delas escrita por Maria, como a figura 4 indica, e entre Fernanda e as filhas de Maria, que, neste cenário, torna-se uma espécie de conselheira da família, formada por uma viúva- Maria- e suas quatro filhas. Conforme anuncia a introdução de Ana Helena Cizotto Belline à edição da Editora Mulheres,

Em *Correio da roça*, a correspondência entre várias personagens configura um longo diálogo, evidenciando-se o afastamento da voz narradora, numa busca, ao mesmo tempo, de objetividade e coloquialismo [...] como registra a evolução do tempo, a principal característica da narrativa, não há motivo para se negar o seu caráter de romance epistolar (Almeida, 2014, p.15).

Um outro aspecto interessante a respeito do folhetim são as intervenções de Júlia Lopes de Almeida em sua coluna “Dois dedos de prosa”. Por conta da irregularidade entre as publicações dos números de “*Correio da roça*”, a escritora anuncia na edição 9341, de 3 de maio de 1910, que a publicação não foi encerrada:

P. S. - As pessoas que me perguntam se deixei por completo ou se interrompi apenas a publicação do *Correio da roça*, respondo que essa correspondencia sera reencetada logo que se me offereca oportunidade para isso. A Isabel de Moura (Barbacena) e a Joao Prado (Belem do Descalvado) agradeço as indicações, promettendo aproveitá-las. (Almeida, 1910, p.1).

E havia fundamento nas reivindicações dos leitores. Antes da referida edição, “*Correio da roça*”, em sua nona publicação, apareceu nas páginas da edição 9285, de 8 de março de 1910, portanto, quase dois meses antes. Esta irregularidade parece encontrar justificativa na profícua e múltipla produção da escritora para o jornal, com o qual colaborou por mais de duas décadas. Além dos textos que compuseram o volume *Eles e Elas*, *Correio da roça* e a coluna “Dois dedos de prosa”, assinou também a seção “A moda”, sob o pseudônimo Ecila Worms (Lobo, 2006), entre

outros textos diversos, muitos segmentados em duas ou mais semanas. Não custa mencionar que tanto Miceli (2015) quanto Martins e De Luca (2018) indicam que, seguindo o *Jornal do Commercio* e o *Correio da Manhã*, o jornal *O Paiz*, figurava entre os periódicos que pagavam os maiores valores por colaboração, entre 30 e 60 contos de réis, o que representava, aproximadamente, 60% da média salarial naquele momento.

*Correio da roça* é publicado em 1913, contendo 53 cartas, pela Francisco Alves. Em 1933, já estava em sua 6ª edição<sup>14</sup>, como anuncia a o número 1597 do *Diário Carioca*, publicado em 18 de outubro de 1933:

#### CORREIO DA ROÇA

6ª edição - Julia Lopes de Almeida - Civilização Brasileira SA. Rio. 1933.

Os homens publicos do Brasil determinaram o problema mais organico de nossa nacionalidade em uma formula: "Rumo aos Campos"! Muito mais teriam feito se proclamassem "Leiam o "Correio da Roca"! Porque em paginas de graça e de balleza d. Julia Lopes de Almeida, offerece-nos uma palavra de ordem. "O campo brasileiro - diz-nos ella - será eternamente triste se a mulher educada que o habita não se interessar pela fartura e a sua poesia" (*Diário Carioca*, edição 1597, p.2)

O livro é amplamente divulgado pela imprensa em anúncios nas décadas seguintes à sua publicação. O *Jornal do Commercio* é um dos que divulgam, de forma sucessiva, esses anúncios, nas seções “livros” ou “livros novos”. A relação entre a escritora e o periódico ia além dos serviços de divulgação. Júlia Lopes escreveu para o periódico até a década de 1910, quando publicou outros dois folhetins – “A casa verde”, em parceria com seu esposo, o acadêmico Filinto de Almeida, e “A intrusa”. Em 1915, a escritora é homenageada no prestigiado<sup>15</sup> salão do jornal. O evento, um sarau lítero-musical, intitulado “Festa em honra a D. Júlia Lopes de Almeida”, que “contou com a presença de diversos poetas e prosadores, entre eles Humberto de Campos, Maria Eugenia Celso, Olavo Bilac e João Luso” (Pinto 2023, p.104).

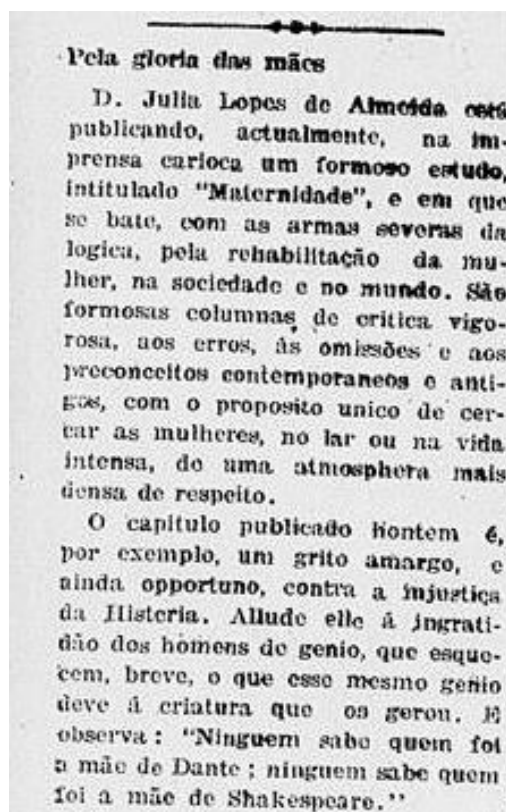
E é no *Jornal do Commercio* que Júlia Lopes publica “Maternidade”, entre 1924 e 1925. Considerada parte de sua obra pacifista, os textos buscam relacionar a mulher e a maternidade por ela exercida sob perspectivas diversas, considerando o lar, a educação, a política, a literatura, a sociedade – e suas desigualdades -, a leitura e escrita de mulheres, a religião, a questão sanitária e higienista - em voga à época-, a vida no campo, a cultura e, sobretudo, a guerra. Não custa mencionar que houve uma modesta participação brasileira na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e que os campos de batalha estavam localizados do outro lado do Atlântico. Tal fato, aliado ao terror da guerra em si, contribuiu, em ampla medida, para que o evento tenha ocupado as mentalidades brasileiras à época. Apesar do folhetim ter sido publicado na década seguinte, os efeitos do conflito pulsaram no período entre guerras, evocando, de maneira mais enfática, a questão nacional e a pertinência dos padrões europeus de cultura e comportamentos no Brasil, uma vez que a Europa era o território em guerra (Fagundes, 2022).

Em 23 de agosto de 1924, o jornal *O Imparcial* publica o texto “Para a glória das mães”, o qual evidencia a relevância da contribuição de Júlia Lopes na imprensa naquele momento:

<sup>14</sup> Publicada pela editora Civilização Brasileira.

<sup>15</sup> Era comum que os salões dos jornais abrigassem eventos literários e musicais. No salão nobre do *Jornal do Commercio*, houve dezenas de conferências, palestras, saraus, apresentações e exposições de artistas e da intelectualidade da Primeira República.

Figura 6 – recorte da página 2 da edição 4262 de O Imparcial



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

O texto menciona que "Maternidade" trata-se de um "formoso estudo", em referência à posição ocupada por mulheres em campos diversos, até mesmo os de guerra. Embora não tenha sido possível localizar<sup>16</sup> os fascículos no *Jornal do Commercio* dos anos de 1924 e 1925 nos quais o folhetim "Maternidade" fora publicado, opera-se com outros indícios de sua publicação, como o apresentado acima, além da 1ª edição do próprio volume, publicado por Olívia Cabral Herdy Peixoto<sup>17</sup>, em 1925. Sobre este ponto, infere-se, a partir das fontes levantadas, que o tempo decorrido entre o suposto final da publicação no jornal (agosto de 1925) e edição do livro não tenha ultrapassado a marca de 4 meses, sugerindo, inclusive, uma possível concomitância entre as duas publicações, conforme anuncia a edição de 15 de julho de 1925 de *O Paiz*:

#### "MATERNIDADE"

O alto e luminoso espirito de D. Julia Lopes de Almeida, que tao intensamente vem influenciando, ha muito, atraves das nossas escolas, com os seus bellos livros, na formação da alma da juventude brasileira, acaba de realizar mais uma obra cujo enorme alcance social e moral se define no seu titulo - Maternidade. Escriitora de predicados excepcionaes, alma generosa, sensivel e boa, que conhece os mysterios do coração humano, visão experimentada na

<sup>16</sup> A este respeito, convém mencionar que não há edições disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), acervo consultado para esta pesquisa.

<sup>17</sup> Em acordo com a pesquisa de Pinto (2023, p.131), Olívia Herdy de Cabral Peixoto "foi uma benfeitora e proprietária, ao lado do marido, de uma rede de hotéis no Rio de Janeiro e em Niterói".

contemplação e no estudo de delicados problemas sociais e moraes dos nossos dias, e facil prever o lindo breviario de carinho e de amor que nos vai dar D. Julia Lopes de Almeida. Esse trabalho, vamos devel-o a iniciativa da Sra. Olivia Cabral Peixoto, que teve a inspiração de imprimil-o, para divulgá-lo em nosso paiz, o que sera feito muito breve, pois o mesmo ja se encontra no prélo (O Paiz, edição 14878, p.5).

Como se fez notar, os textos que originaram os volumes *Eles e Elas*, *Correio da roça* e *Maternidade*, publicados originalmente sob formato de folhetim nos populares *O Paiz* e *Jornal do Commercio*, não passaram despercebidos pela imprensa. De outro modo, acredita-se que a publicação seriada, aliada às principais temáticas exploradas nas narrativas – o cotidiano dos casais, a escrita epistolar e a maternidade – tenham contribuído, em larga escala, para a edição dos volumes. Dos três, *Correio da roça* foi o de maior destaque, com 6 edições publicadas em 20 anos; *Maternidade*, por outro lado, é celebrado pela celeridade de sua edição, feita por uma mulher, de forma independente; e *Eles e Elas*, em acréscimo, acentua a escrita profícua de Júlia Lopes de Almeida, que à época assinava outras colunas no mesmo periódico. Isto posto, interessa-nos pensar na literatura combativa da escritora, a partir das obras mencionadas, conforme seção a seguir.

### **3 A literatura combativa de Júlia Lopes de Almeida em *Eles e Elas*, *Correio da roça* e *Maternidade*: questões sociais, educação e trabalho em perspectiva.**

Na fortuna crítica de Júlia Lopes de Almeida não é difícil encontrar afirmações categóricas que a definam como abolicionista e republicana, em respeito aos seus posicionamentos frente às diversas transformações político-sociais que permearam os primeiros anos do século passado. De fato, ao percorrer a extensa bibliografia da escritora, ainda que de forma rarefeita, é possível localizar indícios de uma literatura combativa, escrita não apenas para entreter, como era esperado dos textos assinados por escritoras, mas ainda, para elucidar novos modos de instruir e educar, sobretudo, mulheres.

A este respeito, importa ressaltar a imprensa como um dispositivo não-formal de educação, capaz de conformar hábitos, valores e comportamentos, contribuindo ativamente para a modelação da segunda metade do século XIX e do século XX (Magaldi; Xavier, 2008). Como elucidada Pallares-Burke (1998, p.145),

os meios de comunicação modernos até os que se pretendem ser de puro entretenimento sempre ensinam. Jornais, revistas, rádio e televisão, por exemplo, tem um currículo oculto que dissemina e organiza informações, cria valores, atitudes, e ideias sobre uma multiplicidade de temas e, pois, quer queiram ou não influenciam seus leitores, ouvintes e espectadores.

Neste sentido, a literatura divulgada nas páginas dos periódicos, à luz do que apontou Ferreira (2015), converte-se em fonte fecunda. Isto é, parte-se da premissa que os textos literários estão, inevitavelmente, atrelados a um determinado tempo e espaço e, portanto, imputam representações coletivas (Chatrier, 2002). Assim, a literatura publicada na imprensa adquire dupla função – representar as intencionalidades das múltiplas vozes contidas nos jornais e

revistas – o que pressupõe a impossibilidade de investigar periódicos sem relacioná-los à trajetória política, econômica e social do país (Martins; De Luca, 2018) - e, em um outro ponto, operar como formas de instrução e educabilidade para aqueles que tinham pouco ou nenhum acesso à educação formal. Vale mencionar que os censos<sup>18</sup> de 1872, 1890 e 1920 mostram uma alta taxa de analfabetos, que varia de 70 a 80%; já em 1920, esse percentual cai para 71%, aproximadamente. Neste último, a taxa de mulheres analfabetas é em torno de 78% os dados revelam que, na capital federal, a cada 1000 habitantes em fase adulta (acima dos 15 anos), 650 não sabiam ler nem escrever.

Desta forma, o público leitor dos jornais e revistas era, sobretudo, composto por um pequeno grupo, ainda que houvesse leitores em potencial (Pallares-Burke, 1998), que, apesar de analfabetos, poderiam ter acesso aos periódicos por meio dos aspectos imagéticos ou ainda pela prática da leitura em voz alta. Contribuem para este entendimento os estudos de Martins e De Luca (2018, p.91), ao comentarem o papel do aspecto gráfico dos periódicos no começo do século passado, quando: “os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual as imagens comunicavam mais que texto”.

Diante de tal cenário, é possível compreender a posição ocupada pelos periódicos como o meio de comunicação mais relevante e popular na Primeira República, pelos quais os intelectuais da chamada República das Letras<sup>19</sup> embutiram-se na “missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar suas linhas de força para o futuro” (De Luca 1998, p.19). Júlia Lopes de Almeida, reconhecida nas páginas dos periódicos como uma “escritor[a] já na posse de todos os seus meios” (Verissimo, 1977, p.79), assim como seus pares, engajou-se nas causas sociais de seu tempo, através de uma escrita combativa, “que buscava soluções para os problemas da atualidade e ainda propunha mudanças para o futuro, futuro esse que estava intimamente ligado com uma visão cívico patriótica, em que elementos nacionais, tais como a língua, a natureza e a educação eram eixos fundamentais” (Pinto, 2023, p. 250).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a literatura combativa de Júlia Lopes, em especial aquela presente nos romances e em suas crônicas, compreendia a abordagem de questões sociais, tais como a fome, o desemprego, a miséria, o abandono de menores, o trabalho infantil; de questões educacionais, sobretudo a feminina, através da sugestão de

a construção de instituições de ensino em níveis diversos e de creches, da valorização das bibliotecas e incentivo à leitura de meninas e moças; e de questões feministas – o direito à educação, à leitura, e, especialmente, ao trabalho.

Dentre os muitos aspectos que caracterizam o trabalho literário da escritora, importa-nos iluminar a posição de destaque ocupada por mulheres. Em seus romances, como *Correio da roça*, as mulheres são protagonistas em um enredo que as propiciava o crescimento intelectual e mobilização para o trabalho; em seus contos, como em *Eles e Elas*, as mulheres narram histórias e são protagonistas de outras narrativas, mesmo aquelas marcadas por personagens masculinos; e em conferências, como em *Maternidade*, as mulheres são vistas como agentes transformadores da sociedade.

A educação de mulheres e seu desenvolvimento intelectual é pauta nas três obras. Em *Eles e Elas*, de forma bastante sarcástica, a escritora aborda a educação e instrução de mulheres ora como algo necessário, já que as mulheres recebem educação para o sofrimento “com que [se]

---

<sup>18</sup> De acordo com Ferreira e Carvalho (2014), os critérios correspondiam apenas a leitura e a escrita.

<sup>19</sup> Conforme os estudos de Miceli (2015), a República das Letras era constituída pelos escritores que tiveram sua intelectualidade legitimada pela rede social na qual estavam inseridos, naquele momento representada pelos ocupantes da ABL.

fortalece[m] para as lutas da vida e do matrimônio, principalmente as do matrimônio” (Almeida, 1909, p.211), ora como algo desnecessário “foi o meu sogro que o lucrou, mandando-a educar por inglesas...Bravo!” (Almeida, 1909, p.111), se não encontra utilidade no cotidiano do marido. Ademais, protesta acerca da validação da opinião das mulheres no conto “Os serões familiares”:

Como a minha opinião de mulher tem pouco pezo, em certas circunstancias, na consideração desses senhores, eu guardo para mim as sugestões do meu critério, sentindo-me resvalar para os estados opressivos do abatimento, da contrariedade e da consternação... até que uma filozofia especial da indiferença ou do habito, venha, ainda o espero, curar minha alma desnorteada e impotente (Almeida, 1909, p. 77-78).

Se não lhe é permitido dar opiniões, já que não possui instrução suficiente (*sic*), como poderiam as mulheres participar ou ao menos estarem a par dos negócios da família? Em “Ah! Os senhores feministas”, esta separação fica clara na indignação do marido com a suposta “plena liberdade” (Almeida, 1909, p. 69) da mulher:

Naquelles bons tempos, uma senhora de quarenta anos não tinha coragem de sair à rua sem a sua capinha pudibunda e um toucado que atestava rezignadamente a sua idade propecta... Era a submissão completa a todas as leis da vida. Hoje opõem rezistencias a tudo; até á idade. São terríveis! Mas por onde diabo andarã minha mulher? logo hoje, que eu tinha tanta necessidade de dezabafar... porque não ha de ser às meninas que eu fale dos meus negócios! (Almeida, 1909, pp.71-72).

E esse desconhecimento acerca dos negócios da família é o que assombra a viúva Maria, de *Correio da roça*, quando, na morte do marido, revelou-se “uma verdade que [ela] estava longe de imaginar – a de ser[em] pobres”. Tal fato é o que leva Maria e as quatro filhas a venderem as propriedades na capital, onde moravam, e passar a residir na “melancólica fazenda do Remanso” (Almeida, 1913, p.8), única restante dos bens da família. É a partir deste cenário que Júlia Lopes de Almeida aborda questões sociais, o trabalho no campo e a educação feminina, através da amiga conselheira. Já na primeira carta de Fernanda, em resposta às lamentações da amiga e ao pedido de que lhe envie “um bom jornal de modas parisienses, que terá pelo menos o dom de distrair as pequenas” (Almeida, 1913, p. 9), é categórica:

[...] em vez de acoroçar a melancolia das tuas pequenas, suspirando por alegrias extintas e assinando-lhes jornais de modas que elas não podem seguir nessas paragens benignas, assina de preferencia revistas agrícolas, instrutivas, alegres, que lhes dêem noções aproveitáveis de industrias campestres e as induzam a um trabalho propicio e benéfico em favor da sua linda propriedade. [...] Acredita que o campo brasileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de atividade, de amor á natureza levando-o assim na esteira da sua inteligência para um futuro melhor (Almeida, 1913, p. 12).

Por conta de uma educação refinada que oferecera às quatro filhas na capital, Maria sentia-se imbuída de defender as filhas “de trabalhos rudes” (Almeida, 1909, p.19), em referência às sugestões de Fernanda. Em uma lógica antipatriarcal, Júlia Lopes anuncia, através de Fernanda, que a instrução das filhas teria menos utilidade se vagassem de valsa em valsa nos salões da cidade, em referência aos comportamentos esperados para as moças no começo do século passado - dócil e recatada, companheira social do marido (D´Incao, 2018).

Porque, afinal de contas, a verdade é esta : vocês não devem abdicar, pela circunstancia de viverem na fazenda, das vantagens que a todos deu a educação literária que receberam, e antes aplical-as no aperfeiçoamento do meio em que vivem, para satisfação alheia e própria, convencidas, como estão, de que o papel da mulher é alegrar, poetizar e elevar o nível da sociedade em que vive, por meio da sua graça, da sua doçura, do seu bom gosto e dos seus exemplos de atividade e de piedade (Almeida, 1913, p.42).

O papel da mulher na sociedade como um todo é amplamente abordado em *Maternidade*. Vale recordar que, na época em que foi publicado o volume, Júlia Lopes de Almeida estava engajada em questões sociais, principalmente as feministas, de forma mais contundente, a partir de sua associação à Legião da Mulher Brasileira, como presidente honorária. De forma geral, como indica Hahner (1990), a entidade se propunha a promover o apoio e a ajuda mútua entre mulheres, prezando por seus interesses e direitos, sob o lema “Amparar e elevar a mulher”, especialmente no que tange à sua emancipação intelectual e ao trabalho. Anos mais tarde, integra a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino como presidente de honra e é convidada a ministrar a conferência no *Consejo de Mujeres de la Argentina*, em 1922. A respeito da conferência, Peggy Sharpe (1998) indica que Júlia Lopes apresentou o progresso das mulheres brasileiras em sua luta por emancipação, sublinhando o trânsito delas do espaço privado para o público.

Já no começo da narrativa, deixa claro o protesto acerca dos impactos da guerra em decorrência de uma governança masculina, ao lembrar a canção entoada ao filho pequenino, agora um soldado de guerra:

Que Deus te dê juízo, meu amor, para bem te governares na vida; E saúde para trabalhar, e honrar tua terra; E bondade para espalhares felicidade ao redor de ti; E alegria, para encheres tua casa de bom humor; Que Deus te faça bom filho, bom irmão, bom esposo, bom pai e bom amigo; Que sejas corajoso e que sabendo construir honestamente a tua ventura e a dos teus, saibam igualmente as tuas mãos espalhar justiça para com os estranhos. Que assim seja, meu Deus. Se a mão que embala o berço governasse o mundo... (Almeida, 1925, pp.25-26).

Neste trecho, é possível notar características que, para a narradora, são caras ao crescimento dos indivíduos: juízo, saúde, bondade, zelo pela família e pelos amigos, coragem, honestidade e justiça. E todo esse conhecimento, necessário para a formação moral e ética dos indivíduos, advinha de uma mulher: da mãe, que neste cenário, era a figura responsável pela criação, educação, instrução e senso ético dos filhos:

A mãe que não se preocupa com a individualidade intelectual e moral do filho, não tem outra significação além da que têm os animais inferiores, nos quais o amor materno não deixa também de se revelar e em cuidados muito expressivos. [...] Se nos irracionais ela é abundante em exemplos de intrepidez, na da humanidade esses exemplos, se têm na aparência uma feição menos trágica, são no fundo de muito mais terno e longo sacrifício... Os animais só se preocupam com os filhos enquanto estes são pequenos. A mulher, até a morte... (Almeida, 1925, pp.56-57).

Importante mencionar que, apesar da narrativa centrar-se no papel da mãe, Júlia Lopes toma a oportunidade para elucidar aquilo que considera útil às mulheres, o conhecimento. Mesmo que esse conhecimento seja, a priori, necessário para a criação dos filhos. Segundo a narradora, é necessária uma “robustez intelectual” (Almeida, 2025, p.97) para que as mães possam bem educar os filhos.

Se cada geração tem por dever preparar a outra geração sua sucessora, de nenhum modo prepararemos melhor a felicidade da que nos suceder, como educando-lhes as mães, e esclarecendo nelas a razão do seu destino de criar homens sadios e fazer-los pela educação, nobres de carácter e bons de sentimento. (Almeida, 1925, p.115).

Um outro aspecto que merece destaque nas três obras é o engajamento das mulheres com as questões sociais, bem como a crítica à sua participação na esfera política. A começar por *Maternidade*, que mais incisivamente promove a intervenção feminina na esfera política, o que resultaria em paz no momento da guerra: “A mulher começa a querer intervir no movimento político e social dos povos, e é nela que se pôde incarnar a esperança de um trabalho assíduo em prol da Paz Permanente” (Almeida, 1925, p.79). Em *Correio da roça*, o descuido com as estradas municipais é mote para a reivindicação de Maria, incentivada pela amiga Fernanda:

Disseste-me que ahi para os teus lados mesmo as estradas municipais estão um tanto ou quanto desleixadas. Mas que fazem vocês que não gritam, que não atormentam as autoridades locais, até que elas vos dêem caminhos amplos, firmes, feitos com todo o rigor e todos os preceitos da bôa arte? Guerreira a política e pede, até ao berro e á vociferação, os melhoramentos para os quais contribuis bem pesadamente; não te deixes, pelo amor de Deus, mergulhar na lama da indiferença: - sê gente (Almeida, 1913, p.40).

A própria Júlia Lopes, enquanto escrevia o folhetim “Correio da roça” para *O Paiz*, reivindicava, em “Dois dedos de prosa”, diversas questões de foro social, urbano e político, a exemplo das eleições, do policiamento, do saneamento básico, da desigualdade social, da arborização, mudança de nomes das ruas e locais da urbe carioca, entre outros (Di Stasio; Faedrich; Ribeiro, 2016). Não é de espantar, portanto, que tais reivindicações tenham feito parte de sua obra literária, mesmo de forma cômica, como nos contos de *Eles e Elas*, quando a atitude da mulher do candidato é ridicularizada:

Conheci uma senhora que pedia votos para o marido aos caixeiros do armário em que comprava, ao dentista que lhe obturava os dentes, ao seu florista, ao seu perfumista, ao seu sapateiro, ao seu cocheiro, ao seu confessor, e por intermédio de amigas ou conhecidas: aos confessores, sapateiros, perfumistas, floristas, parteiros, dentistas, etc, dessas mesmas amigas ou conhecidas! Uma lastima! Não ha praga mais ridícula do que a esposa de um futuro deputado em véspera de eleições, quando ella quer cooperar para os triunfos políticos da sua cara metade (Almeida, 1909, p.49).

Ou, em outro momento, quando o marido deseja falar de assuntos os quais ela não pode dominar, por ser mulher:

Quando meu marido argumenta sobre seja o que fôr: alfaiates ou política, religião ou batatas, desde que o faça com quem não acompanhe as suas idéas, que, se parecem paradoxaes, têm um grande fundo de justiça e de sinceridade, eu estremeço [...] e elle investe dezassombradamente contra todos os preconceitos sociais, querendo desbaratal-os a golpes de razão e de lógica. [...] Se tento então balbuciar um simples monossilabo, elle estrangula-o como um gigante pôde estrangular um humilde tico-tico acabado de sair do ovo, e encolho-me arrependida para o meu canto. (Almeida, 1909, p.76).

Por último, ao abordar a questão do trabalho como um ofício necessário à emancipação<sup>20</sup> – ao menos moral – da mulher<sup>21</sup>, a escritora reforça os ideais feministas em voga nas primeiras décadas do século passado – educação, trabalho e voto. A este respeito, Xavier (1998, p. 6) salienta que “Júlia Lopes de Almeida, com sua apologia ao trabalho, aponta para a realização de suas ambições que, no âmbito restrito da época, se reduziam a ser mãe, esposa e dona de casa.”. Apesar de ter adotado uma postura menos ostensiva e mais conservadora na abordagem dessas pautas feministas, é inegável o empenho da escritora em se fazer ver a importância do trabalho como elemento transgressor para a mulher.

No conto “Em conciencia”, em *Eles e Elas*, é o marido que aponta a suposta crueldade da mulher, que, diante de atitudes desagradáveis de sua parte, assume uma postura menos acanhada ao defender a causa feminista. Contudo, mesmo diante de tal atitude louvável, é colocada novamente ao lugar que, de acordo com o indócil marido, lhe cabe: a submissão.

[..] hontem ella clamou na sala diante de gente de fora pelo feminismo! É feminista, minha mulher! Coitadinha, ella só é feminista quando se resente de qualquer ato mais violento ou mais impensado da minha parte [...] engole a sua decepção humildemente, como uma escravazinha submissa, é com um tomzinho de voz em que ainda bailam lagrimas, clama pelos direitos da mulher! Que sabe ella disso! Afinal, enquanto eu lido, luto, suo e soffro, ella

<sup>20</sup> De acordo com o Código Civil de 1916, a condição das mulheres era equivalente à das crianças e jovens menores de 21 anos – “relativamente incapazes”. Neste cenário, as mulheres não poderiam, sem a devida autorização do marido: trabalhar, viajar, receber herança- salvo as viúvas- e jamais divorciar-se, mesmo se apresentasse fundamentos para tal. Esta condição se perpetuou ao longo da primeira metade do século XX, impedindo mulheres de assumir posições em espaços formais de trabalho, sem a concessão dos companheiros que, em geral, não renunciavam à subserviência doméstica de suas esposas.

<sup>21</sup> Necessário pontuar que este é um nicho específico de mulheres. Às mulheres pobres, o trabalho incansável e diário era a condição primeira para a sobrevivência da família. (Heller, 2006).

arruma a caza, friza o cabelo e pule as unhas. Parece-me pouco. Mas, se lh'o dissesse, viria o mundo abaixo. Ha nada mais exaustivo do que o trabalho da mulher?! Sempre a mesma cantiga. Pobre Nêê! Ella talvez ainda não tenha reparado numa coiza: está engordando (Almeida, 1909, p.203).

Por isso mesmo, quando Júlia Lopes defende o trabalho como dignidade para as mulheres, propõe, além de que se aprenda um ofício, que as mulheres compreendam aquele também como seu espaço de atuação perante a sociedade:

Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, a chuva; observa que elas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma; que tenham os seus livros de assentos bem organizados, que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puzeres à sua disposição – e verás como no fim de alguns mezes se acendem rosas de saúde nas suas faces (Almeida, 1913, pp.14-15).

Em sua fase mais engajada com as causas feministas, a escritora expõe, de forma mais enfática, as inúmeras aptidões da mulher que, diante do mundo em guerra, se vê imbuída a acolher as profissões antes desempenhadas apenas por homens, através do manifesto “A Mulher dirigida”:

a mulher decidio representar por todos os modos o seu papel de utilidade na hora da guerra e fez-se: artífice, farmacêutica, médica, enfermeira, dactilógrafa, estenografa, electricista, expedicionária, factureira, droguista, servindo do mesmo modo à sciencia, à industria e ao comercio. E não se atreveu só a exercer ofícios mais ou menos resguardados pela sombra das telhas, fez-se também bem maquinista, estafeta, vendedora ambulante, cocheira, recebedora nos trens, e muitos outros misteres que a sua intelligência ou a sua força física lhe permitiam praticar. Muitas que desconheciam ainda as suas próprias aptidões, porque nenhum acidente da vida as tinha posto em evidência, tiveram com a guerra a revelação da sua capacidade. (Almeida, 1925, pp.155-157).

São inúmeros os exemplos que poderiam endossar o argumento da presença de uma literatura combativa de Júlia Lopes de Almeida em *Eles e Elas*, *Correio da roça* e *Maternidade*. Contudo, respeitados os limites deste estudo, reitera-se a ideia de que as três obras, representativas de seu tempo, convergem para um perfil delineado para as diversas personagens criadas pela escritora: a mãe zelosa que, dotada de educação e instrução para o bem-viver em espaços públicos, é capaz de oferecer boa educação aos filhos e ensinar-lhes pelo exemplo. E este exemplo se depreenderia não apenas através de comportamentos e atitudes desejáveis para o bom convívio em sociedade; mas também pelo exemplo do trabalho, que é uma constante para a dignidade da mulher.

#### 4 Considerações finais

Neste artigo buscou-se apresentar, de forma abreviada, a produção folhetinesca de Júlia Lopes de Almeida entre os anos de 1907 e 1925, a partir dos textos que deram origem aos volumes *Eles e Elas*, *Correio da roça* e *Maternidade*. A escolha dos textos se deu, em especial, por conta dos exemplos de literatura combativa contida nos mesmos, além das características dos gêneros discursivos – contos, romance epistolar e conferência, respectivamente.

Os folhetins foram publicados em dois jornais – *O Paiz* e *Jornal do Commercio* – periódicos populares e prestigiados no começo do século passado. Júlia Lopes, que começara sua profícua carreira na imprensa aos 19 anos, na *Gazeta de Campinas*, já havia adquirido, nos primeiros anos dos 1900, um *status* de “talentosa romancista”<sup>22</sup>, e de “romancista laureada”<sup>23</sup>. Assim, quando começa a publicar os folhetins “Reflexões de um marido”, “Reflexões de uma esposa” e “Reflexões de uma viúva”, em 1907, já estava habituada a colaborar com periódicos por décadas, portanto, tratava-se de uma escritora experiente. Tanto que não demorou muito até que *Eles e Elas*, volume que compilou os diálogos entre os maridos e as esposas, fosse publicado por Francisco Alves, um dos maiores livreiros dos primeiros anos do século XX.

Ao mesmo tempo que escrevia os diálogos, inicia a publicação das cartas do “Correio da roça”, que obtiveram grande sucesso e foram publicadas em livro homônimo, em 1913, também pela Francisco Alves. Em “Os nossos concursos”, seção do periódico *Leitura para todos*, a obra é evidenciada como “uma serie preciosas de lições valiosíssimas” que, clarifica acerca do “pendor instintivo e espontaneo de educadora” (Edição 108, p.91) de Júlia Lopes de Almeida que, embora não tenha exercido magistério, foi considerada “mestra na acepção mais elevada da palavra [...] propiciadora de nobres ensinamentos, modelo de raras virtudes, irradiadora de salutar influencia” (Celso, 1935, s.p).

E foram esses ensinamentos, aliados a um cenário propício para o desenvolvimento da literatura nas páginas dos periódicos pelos intelectuais, ao que observa Miceli (2015) sobre a relação indissociável entre jornalismo e literatura, que parecem ter oferecido uma espécie de cadeia cativa à escritora em diversos periódicos da imprensa nacional e alguns internacionais<sup>24</sup>. Assim, quando publica no *Jornal do Commercio* os textos de “Maternidade”, D. Júlia, como era chamada à época, escreveu de forma mais incisiva sobre as reivindicações das mulheres de seu tempo, em uma linguagem retórica, chamando as leitoras às causas feministas em voga naquele momento. Sobressai, ainda, sobre a obra, o fato de ter sido publicada, de forma independente, por Olívia Herdy de Cabral Peixoto que, posteriormente<sup>25</sup>, entende-se pertencer à rede de sociabilidade da família Almeida.

Portanto, analisar as obras de Júlia Lopes de Almeida no período recortado nos permite não apenas conhecer mais sobre sua obra folhetinesca e os processos que levaram à publicação dos textos em livros, mas, sobretudo, atribuir sentidos a partir das representações contidas nos textos, considerando as conjecturas, a trajetória da escritora, bem como a construção de sua própria bibliografia no espaço público, uma vez que Júlia Lopes de Almeida era, por muitos jornais e revistas, considerada um modelo de esposa, mulher e escritora.

---

<sup>22</sup> Em *A Ilustração Brasileira*, ed.20, 1910, p.95.

<sup>23</sup> Em *O Malho*, edição 14, 1902, s.p.

<sup>24</sup> De forma sintética, os europeus, em publicações luso-brasileiras, hispânico-brasileiras, teuto-brasileiras e franco-brasileiras (Pinto, 2023).

<sup>25</sup> Em 1945, ao publicar o volume *Mãe*, Afonso Lopes de Almeida, filho da escritora, imprime o nome da editora na lista de dedicatórias do livro. Tal fato demonstra uma certa aproximação entre a família da escritora e a editora.

## Referências

- Acabam de aparecer, *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1933, Noticiário, p.2.
- Almeida, J. L. de. Reflexões de uma esposa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, edição, 8130, ano XXIII, p.1, 6 de janeiro de 1907.
- Almeida, J. L. de. Reflexões de um marido. *O Paiz*, Rio de Janeiro, edição, 8614, ano XXIV, p.1, 4 de maio de 1908(a).
- Almeida, J. L. de. Reflexões de uma viúva. *O Paiz*, Rio de Janeiro, edição, 8509, ano XXVI, p.1, 20 de janeiro de 1908(b).
- Almeida, J. L. de. *Eles e Elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.
- Almeida, J. L. de. O perigo das cartas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, edição, 9104, ano XXV, p.1, 7 de setembro de 1909.
- Almeida, J. L. de. Dois dedos de prosa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, edição, 9341, ano XXVI, p.1, 3 de maio de 1910.
- Almeida, J. L. de. Dois dedos de prosa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, edição, 9886, ano XXVIII, p.1, 31 de outubro de 1911.
- Almeida, J. L. de. *Correio da roça*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- Almeida, J. L. de. *Maternidade*. Rio de Janeiro: Olivia Herdy Cabral Peixoto, 1925.
- Almeida, J. L. de. *Correio da roça*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.
- Fundação Biblioteca Nacional. *Fotonovelas na Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/fotonovelas-biblioteca-nacional>>  
Acesso em 18 set 2025.
- Broca, B. O romance-folhetim – precursor do sensacionalismo. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, Rio de Janeiro, edição 211, 17 de junho de 1951.
- Broca, B. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.
- Burke, P. (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- Bourdieu, P. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kuhner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- Carta de amortização. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1892, p.2.
- Chartier, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo – 2. ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.
- Calixto, C.; Gouvêa, V. O fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Arquivo Nacional. *Acervo*, [S. l.], v. 33, n. 2, pp. 239-253, 2020. Disponível em: <<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1391>>. Acesso em: 20 set. 2025.
- Celso, M. E. Feminina. *Jornal do Brasil*, edição n. 129, 31 de maio de 1935, s.p.
- D'Incao, M. A. Mulher e Família Burguesa. In: Del Priore, M.; Pinsky, C. B. *História das*

*Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

Di Stasio, A.; Faedrich, A.; Ribeiro, M. V. (orgs). *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de editoração, 2016.

Eleutério, M. de L. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

Faedrich, A. (org). *Júlia do Rio: crônicas da Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

Ferreira, A. C. A fonte fecunda. In: Pinsky, C. B.; De Luca, T. R. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

Fagundes, L. Impactos culturais da Primeira Guerra Mundial no Brasil: pequeno debate historiográfico. *Historia Guerra*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 1, pp. 3-22, jun. 2022. Disponible en <[https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2796-86502022000100003&lng=es&nrm=iso](https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2796-86502022000100003&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 20 sept. 2025. <<https://dx.doi.org/https://doi.org/10.34096/hyg.n1.10988>>.

Ferreira, A. E. C. S.; Carvalho, C. H. de. Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). In: *ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE*, 12., 2014, Goiânia. Anais... Goiânia: PUC, 2014. pp. 30-45.

Gomes, A. de C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Hahner, J. E. *Emancipating the female sex: the struggle for women's rights in Brazil, 1850- 1940*. New York: Duke University Press, 1990.

Heller, B. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890 - 1920)*. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

Lobo, L. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

Maternidade. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1925, Vida social, p.2.

Magaldi, A. M. B. de M.; Xavier, L. N. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

Martins, A.L. De Luca, T. R. de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

Miceli, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

Moreira, N. M. de B. *Eles e Elas: crônicas da belle époque carioca de Júlia Lopes de Almeida*. 3ª ed. Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

Nadaf, Y. J. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

Verissimo, J. O movimento literário em 1910. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, abril de 1911, p.5.

Verissimo, J. *Estudos de literatura brasileira*. 5ª serie. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

PALLARES-BURKE, M. L. G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, pp. 144-161, 1998. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/723>>. Acesso em: 20 set. 2025.

Pinto, G.C.M.P. *Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023, 347f.

Salomoni, R. S. *Sob o olhar do narrador: representações e discurso em A Silveirinha, de Júlia Lopes de Almeida*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

Salomoni, R. Apontamentos biográficos. In: Almeida, J. L. de. *Correio da roça*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

Sevcenko, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Sharpe, P. Construindo o caminho da nação através da obra de Júlia Lopes de Almeida e Adalzira Bittencourt. *Letras de Hoje*, v. 33, n. 3, pp 39-49, 16 set. 1998.

Sodré, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

Tinhorão, J. R. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

Veríssimo, J. O movimento literário em 1910. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, abril de 1911, p.5.

Veríssimo, J. *Estudos de literatura brasileira*. 5ª serie. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

Xavier, E. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos, 1998.

Recebido em: 30/09/2025

Aceito em: 05/12/2025